

MECANISMOS DE INTERTEXTUALIDADE NA TEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO NOTÍCIA

INTERTEXTUALITY MECHANISMS IN THE NEWS GENRE TEXTUALIZATION

Valéria Cristian Silva Soares¹

Resumo: Este texto faz uma abordagem sobre o fenômeno da intertextualidade na textualização do gênero notícia, como ocorre o referido fenômeno e quais os mecanismos utilizados para um texto relacionar-se com outros textos, o que numa visão global define intertextualidade. Analisamos como as notícias utilizam-se do recurso da intertextualidade para sua textualização através de mecanismos como a citação, a alusão, a ironia, a paródia, dentre outros, essa estratégia parece-nos apresentar-se com objetivos variados: informar, criticar, fazer referência, chamar atenção para determinado assunto, fato, ou ainda, aumentar a venda de jornais.

Palavras-Chave: Intertextualidade. Gênero notícia. Textualização.

Abstract: This text is an approach about the intertextuality phenomenon in the news genre textualization, how the referred phenomenon occurs and which mechanisms are used to a text to be related to other texts, that in a global vision defines intertextuality. We analysed how the news use the intertextuality resources for its textualization through mechanisms such as citation, allusion, irony, parody, among others, this strategy seems to present itself with varied objectives: to inform, criticize, make reference, to call attention to a certain subject, facts or even to increase the sale of newspapers.

Keywords: Intertextuality. News genre. Textualization.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar como o fenômeno da intertextualidade ocorre em textos noticiosos. Dada a complexidade do discurso da notícia destacamos que no referido artigo não iremos analisar as notícias a nível estrutural, mas é de grande importância a apresentação da estrutura temática e esquemática da notícia como Van Dijk (2013) a concebe, tendo em vista que o recorte de análise dos exemplos irá centrar-se em apenas algumas categorias experimentais de um esquema de notícia, especialmente nas manchetes.²

Ainda que o enfoque acima proposto possa contribuir para o enriquecimento da análise dos mecanismos de intertextualidade não são suficientes para o aprofundamento da questão,

¹ Professora Assistente do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: caeteh@gmail.com

² O texto aqui apresentado constitui apenas uma parte de um trabalho mais extenso realizado no Seminário de Texto e Discurso ministrado pela Doutora Fátima Silva no Curso de Doutorado em Linguística da FLUP-Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Portugal.

por esse motivo, a apresentação da estrutura da notícia irá somar-se a análise dos mecanismos de intertextualidade e suas funções discursivas.

A análise também levará em conta o contexto, tão importante nos textos noticiosos quanto os traços semânticos, sintáticos, lexicais ou/e estilísticos.

1. As principais características do texto noticioso

Os textos noticiosos que aqui nos referimos são todos aqueles que de uma forma ou de outra noticiam fatos, não somente a notícia propriamente dita, mas também a notícia comentada, interpretada em editoriais, artigos de opinião, colunas etc. Assim, tratamos especificamente do texto noticioso escrito, estruturado e esquematizado como tal. Pela sua estrutura e pela sua complexidade, iremos enquadrá-lo como um gênero textual complexo.

Sobre gêneros complexos remontamos aos trabalhos de Bakhtin (1997), precursor nos estudos sobre gêneros do discurso, para esse autor os gêneros caracterizados como complexos são conceituados de *gêneros secundários* e são aqueles que aparecem em circunstâncias de uma comunicação *relativamente mais evoluída*, principalmente escrita. O autor destaca que, durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

Ao reconhecer a complexidade do gênero notícia levamos em consideração que nas notícias de jornais impressos, por exemplo, há um controle da linguagem muito maior que em uma lista de compras, no entanto, a denominação de secundário por apresentar-se escrito e por aparecer em circunstâncias de uma comunicação *relativamente mais evoluída*, é posta de lado em virtude da conceituação atual de gêneros do discurso apoiar-se em critérios muito heterogêneos e contextuais.

Sobre esse ponto de vista Martins (2009) faz uma importante observação:

[...] Seria equivocada a equiparação dos gêneros primários com a linguagem oral, por um lado, e dos gêneros secundários com a linguagem escrita, por outro. Vale lembrar, ainda, que não é porque o autor afirma que os gêneros secundários "aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída", que poderíamos deduzir que os gêneros primários não podem aparecer nessas situações, ou que eles só são típicos das organizações sociais consideradas primitivas ou relativamente menos evoluídas. Da mesma maneira, não é porque o autor afirma que, "durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies" que devemos deduzir que, nas assim denominadas "circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída", os gêneros primários só terão, de alguma forma, sobrevivido em sua assimilação aos gêneros secundários. [...] (MARTINS, 2009).

Dessa forma, conceituamos a notícia como um gênero complexo inserido na imprensa escrita e faremos a seguir uma breve abordagem sobre a sua estrutura temática e esquemática.

Por “estrutura temática”, Van Dijk (2013, p. 122) entende “a organização geral de “tópicos” globais sobre os quais versa um exemplar de notícia”. No que se refere aos esquemas, o autor destaca que eles são usados para descrever a forma global de um discurso, também chamado de superestrutura.

Passamos a seguir, de forma bastante resumida à exposição das estruturas temáticas do discurso da notícia, bem como do esquema do texto noticioso e da ordenação de categorias de um esquema de notícia. Entendemos, pois que tanto a estrutura como o esquema, ou ainda, a ordenação dessas categorias podem variar tendo em vista os diferentes aspectos de relevância que se quer dar a um texto noticioso, ou ainda levando em consideração diversos aspectos culturais em cada país e em cada jornal que a notícia será exposta.

1.1. Estruturas temáticas do discurso da notícia (macrossemântica)

Podemos dizer que a estrutura temática não apresenta-se apenas a partir de uma sentença, mas de segmentos mais amplos que englobam vários tópicos, cada um dos quais organiza parte dos sentidos de um texto e pertencem a estruturas globais do discurso. “O artigo noticioso, porém, pode exprimir ou atribuir, através de vários mecanismos, diferentes valores de relevância aos tópicos desta hierarquia, por exemplo, por meio da manchete, *lead* ou ordem linear do texto” (VAN DIJK, 2013, p. 136).

O recorte de análise neste artigo centra-se nas manchetes pelo seu papel macroestrutural, pois quase sempre apresentam-se como tópico central de uma notícia dando pistas ao leitor do que será tratado posteriormente, é uma espécie de tópico global.

Podemos também, a partir de elementos de um texto noticioso ativar a representação na memória de experiências e informações acumuladas sobre dada situação, é o que Van Dijk (2013) chama de *modelos de situações da memória*, que combinam informações de elementos do texto e conhecimentos ativados pelo leitor a partir desses elementos.

Por fim, o autor destaca que o próprio leitor pode inserir uma estrutura temática diferente da do escritor, dependendo de suas próprias crenças e atitudes.

1.2. Esquema da notícia (superestrutura)

Os artigos noticiosos têm uma forma convencional, um esquema que organiza o conteúdo global conhecido por jornalistas e seus leitores em uma dada cultura, uma vez que, são convencionais e que consiste de categorias típicas do discurso da notícia. “Cada categoria

deve corresponder a uma sequência específica de proposições ou sentenças do texto. A ordem das categorias determina também o arranjo global das respectivas sequências ou episódios” (VAN DIJK, 2013, p. 145).

O autor estabelece uma ordenação dessas categorias experimentais de um esquema de notícia, que embora sejam comuns em grande parte dos textos noticiosos não são fixas e podem variar. Primeiro aparece o sumário (Manchete e *Lead*) depois do Sumário, geralmente é o Evento Principal; em seguida, podem aparecer várias categorias de *background*, como História ou Contexto. Reações verbais, geralmente, são ordenadas próximas ao final do artigo, antes dos Comentários, que aparecem no final.

A estrutura esquemática, no entanto pode apresentar variações, o que o autor nos mostra constitui-se apenas em um modelo abstrato, e como todo modelo, na prática têm limitações e a partir de vários critérios já discutidos anteriormente podem apresentar uma ordem diferenciada da proposta. Mesmo assim, essas categorias têm uma grande importância já que permitem distinções e indicam relevância.

A partir de Van Dijk (2013) concluímos que as notícias possuem estruturas superiores: as macroestruturas semânticas (tópicos) e as superestruturas (esquemas) que se relacionam no interior da notícia que com certa frequência podem apresentar-se de forma descontínua. Também os princípios de “relevância” e “recência” desempenham um papel importante para dar conta das estruturas concretas da notícia, além do enfoque cognitivo que fornece o vínculo com as condições sociais de produção e suas ideologias.

Além das categorias já discutidas anteriormente, o escritor do texto noticioso lança mão de várias estratégias para torná-lo “atraente” para o leitor, uma delas é a intertextualidade, conceito que será trabalhado a seguir.

2.O conceito de intertextualidade e suas formas de atualização

O conceito de intertextualidade nasce nos estudos da Teoria Literária nos trabalhos de Júlia Kristeva, essa crítica literária foi quem primeiro o introduziu na década de 1960. Sua conceituação tem como base o dialogismo bakhtiniano, pois antes de Kristeva, Bakhtin (1997) já destacava em seus trabalhos que um enunciado está repleto de palavra dos outros:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos [...] (BAKHTIN, 1997, p. 314).



E que se relaciona com outros enunciados, de diversas maneiras:

[...] O enunciado completo ou a palavra, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade na expressão, ou então ser modificados (se imbuírem de ironia, de indignação, de admiração, etc.); também é possível, num grau variável, parafrasear o enunciado do outro depois de repensá-lo, ou simplesmente referir-se a ele como a opiniões bem conhecidas de um parceiro discursivo; é possível pressupô-lo explicitamente; nossa reação-resposta também pode refletir-se unicamente na expressão de nossa própria fala — na seleção dos recursos linguísticos e de entonações, determinados não pelo objeto de nosso discurso e sim pelo enunciado do outro acerca do mesmo objeto (BAKHTIN, 1997, p.316).

A partir dos trabalhos de Bakhtin e Kristeva outros autores trouxeram para a cena dos estudos do texto novamente a temática, Genette é um desses autores, ele destaca a intertextualidade como uma das formas de transtextualidade que ele define “como tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta com outros textos” (GENETTE, 2010, p.13).

A transtextualidade inclui relações transtextuais que o autor enumerou numa ordem crescente de abstração, implicação e globalidade (GENETTE, 2010, p 13-18):

1. **Intertextualidade**- estabelecida através da relação de co-presença entre dois ou vários textos, dito de outra maneira, presença efetiva de um texto em um outro.

2. **A paratextualidade**- a relação que o texto mantém com o *paratexto*.

3. **A metatextualidade**- é uma espécie de comentário, que une um texto a outro texto do qual ele fala.

4. **A hipertextualidade**- é toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto) do qual ele brota.

5. **A arquitekstualidade**- é uma relação completamente silenciosa, que, no máximo, articula apenas uma menção paratextual de caráter puramente taxonômico.

Os conceitos e a classificação proposta por Genette (1982) foram trabalhados por Piègay-Gros (2010) que distingue dois tipos de relações intertextuais: as baseadas na relação de co-presença e as baseadas na relação de derivação.

As baseadas na relação de co-presença são: a citação e a referência (formas explícitas de intertextualidade) e o plágio e a alusão (formas implícitas). As baseadas na relação de derivação são: a paródia, o travestimento burlesco e pastiche.

Na perspectiva dos estudos do texto e do discurso, e da análise do discurso Koch, Bentes e Cavalcante (2008) destacam a intertextualidade através do *détournement* no trabalho de Maingueneau e Grésillon (1984), que retomaram a noção de polifonia de Ducrot e introduziram essa definição, que caracteriza-se por apresentar um enunciado com marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não é de fato um provérbio reconhecido.



Fairclough (2001, p. 136) também destaca a distinção usada pelos analistas de discursos franceses Authier-Révuz (1982) e Maingueneau (1987) de intertextualidade *manifesta* oposta a *constitutiva*. Para esses autores na intertextualidade manifestada, outros textos estão explicitamente presentes no texto, marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto, como as aspas. Já na intertextualidade constitutiva de um texto há uma configuração de convenções discursivas que entram em sua produção.

Diante dos conceitos expostos, e das várias posições teóricas apresentadas, destacamos que adotaremos neste trabalho a visão de intertextualidade no âmbito da Linguística Textual, em consonância com os estudos de Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 16) que postulam “a existência de uma intertextualidade ampla, constitutiva de todo e qualquer discurso, a par de uma intertextualidade *stricto sensu*, atestada necessariamente pela presença de um intertexto”.

3. *Corpus*

O *corpus* do nosso trabalho é constituído por onze notícias, retiradas dos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense e O Globo. Abordam diversos temas, desde terrorismo, política, economia a equilíbrio e saúde, também de diferentes secções dos jornais, publicados nos meses de abril e maio de 2014.

A seleção do *corpus* foi feita de acordo com a temática escolhida para o trabalho, tendo em vista a diversidade de formas de intertextualidade.

Além dos jornais já citados mais “duas notícias” vieram compor o nosso *corpus*: o texto *No meio do caminho tinha um ladrão* retirado da Revista IstoÉ edição nº 2014 de 11/06/2008 o qual o jornalista ao utilizar a intertextualidade usa a forma de uma poesia para escrever a notícia, e o outro, denominado de *Tragédia Brasileira* retirada do site www.algumapoesia.com.br, nesse texto o escritor fez o processo inverso e utilizou-se da notícia para escrever a poesia.

Embora o trabalho seja constituído de um *corpus* de onze textos noticiosos, apresentamos neste artigo apenas uma pequena parte da análise de algumas das notícias selecionadas para exemplificar a intertextualidade temática, a intertextualidade implícita e o *détournement*.

4. Metodologia

A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa constitui-se de uma análise interpretativa.

A metodologia adotada para a realização do trabalho seguiu os seguintes passos:

1. A escolha de trabalhos de referência sobre gêneros e também sobre a estruturação do gênero notícia.
2. A escolha de estudos sobre a intertextualidade, que pudessem ser “adaptadas” a temática do trabalho.
3. Seleção do *corpus* em diversos jornais.
4. Análise do *corpus*.
5. Exposição dos resultados e conclusões.

5. Análise

Nossa análise baseia-se na categorização proposta por Koch, Bentes e Cavalcante (2008) sobre a intertextualidade, que apresenta-se como: intertextualidade temática, estilística, explícita, implícita, e ainda, dentro da categoria implícita o *détournement*.

Iniciamos nossa análise com o objetivo de identificar as formas de intertextualidade ocorrentes nas notícias selecionadas, os mecanismos de intertextualidade que foram usadas para a textualização dessas notícias e suas funções discursivas.

a. Intertextualidade temática

Na intertextualidade temática observamos uma relação de temas entre textos. Este tipo de intertextualidade é muito comum “entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto [...]” (KOCH, BENTES E CAVALCANTE, 2008, p.18).

Vejamos as notícias (manchete e *lead*):

1- Boko Haram assume sequestro de 276 meninas no interior da Nigéria

Líder de grupo terrorista prometeu vender garotas para líderes tribais do Chade e Camarões

(Jornal O Estado de São Paulo em 05 de maio de 2014)

2- Boko Haram sequestra mais oito meninas na Nigéria, dizem policiais

Grupo terrorista assumiu o sequestro de 276 nigerianas e disse que as venderia para casamentos

(Jornal O Estado de São Paulo em 06 de maio de 2014 11h55)

3- Boko Haram reivindica sequestro na Nigéria e ameaça vender meninas

(Jornal Folha de São Paulo em 05 de maio de 2014, 11h43)



Destacamos as Manchetes e os *leads* destas notícias, tendo em vista que segundo Van Dijk (2008) expressam as macroproposições de nível mais alto do discurso noticioso e funcionam como um sumário do discurso da notícia.

Observamos que as três manchetes das notícias acima apresentam uma inter-relação de temas, o recurso foi usado por jornais diferentes e pelo mesmo jornal em dias consecutivos. Todos colocaram em evidência o mesmo tema, no caso, o sequestro e possível venda de meninas na Nigéria pelo grupo terrorista Boko Haram.

De feito, a conexão entre as três notícias dá-se pela intertextualidade, pois podemos observar que a temática é a mesma, essa aproximação deu-se a partir do léxico que apresenta-se quase semelhante, as palavras *Boko Haram* aparecem na manchete das três notícias, também as palavras *sequestro, meninas e Nigéria*, palavras de forte valor semântico como *grupo terrorista*, aparecem em dois dos *leads* das notícias.

O substantivo *meninas* também está presente nas três manchetes das notícias que, quando associado à palavra *criança* deixa a notícia com uma carga semântica ainda mais forte, em virtude da referida palavra ter adquirido ao longo do tempo um sentido relacionado a inocência e a fragilidade, dessa forma a notícia tem uma expressividade muito maior, torna-se chocante quando se destaca que um grupo terrorista sequestrou crianças.

Foram usadas também palavras com sentidos aproximados, *assume, reivindica*, por exemplo.

A expressão *mais*, quantificando de modo genérico o substantivo meninas retoma outro texto, o enunciado: *Boko Haram sequestra mais oito meninas*, pressupõe que outras já haviam sido sequestradas antes. Para Fairclough (2001, p. 155) a pressuposição está inserida na intertextualidade manifesta e consiste em proposições tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou dadas, no próprio texto ou em outros.

Nessa relação entre notícias, a intertextualidade ocorre a partir de referências feitas a outros textos, assim, a referência assume a função discursiva de buscar na memória do interlocutor os diversos textos sobre o mesmo tema, uma forma de enfatizar, chamar a atenção para um fato tão cruel.

A estratégia de manter na mídia por algum tempo determinado tema também é resultado do interesse dos leitores.

b. Intertextualidade implícita



Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p.30) a intertextualidade implícita “ocorre quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte”.

As autoras destacam que, a esse tipo de intertextualidade, Sant’Anna (1985) denomina de “**intertextualidade das semelhanças**” e Grésillon e Maingueneau (1984) **chamam de captação**.

Para Charaudeau a captação é, com a legitimação e a credibilidade, um dos três espaços em que são trabalhadas as estratégias de discurso. As estratégias de captação visam a seduzir ou a persuadir o parceiro da troca comunicativa, e assim partilhar a intencionalidade, os valores e as emoções dos quais esse ato é portador (CHARAUDEAU 1994b:40 *In*: CHARAUDEAU & MAINGUENEAU 2014, p.93).

Concordo com Maingueneau (2008, p.172) quando nos diz que: “Captar um texto significa imitá-lo, tomando a mesma direção que ele”, pois é o que ocorre na manchete abaixo, mas também acrescento que muitas vezes “captamos” um texto para irmos em direção oposta a ele, como também ocorre em muitas notícias quando se usa principalmente o recurso da ironia para distanciar-se.

4- Eleição em tempos de cólera

(Publicado no Jornal Folha de São Paulo em 11/05/2014. Autor: Clóvis Rossi)

No exemplo acima, o autor estabelece uma relação intertextual com a obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez, *O amor nos tempos de cólera*, sem fazer a ela qualquer menção, a relação com o livro foi feita através do mecanismo da alusão, que é utilizado para buscar na memória discursiva do interlocutor a relação com o texto fonte sem citá-lo literalmente.

A relação intertextual que se fez através da alusão com o livro do escritor colombiano e a situação de caos que o Brasil estava passando no ano de eleições para presidente pressupõe que o leitor estabeleça uma relação entre o cenário da história de amor de Florentino e Fermina composto pelo surto de cólera e pela guerra civil ocorridos em fins do século XIX, que acabaram por matar milhares de pessoas, ao cenário eleitoral brasileiro, ambos de caos, ele espera que haja uma ligação ao texto fonte para a construção de sentido.

A simples transposição e a substituição *do cólera* pelo *de cólera* expõe o sentimento de ira presente no período eleitoral, assim como a localização temporal realizada através da substituição de *nos tempos* pelo *em tempos*, faz com que o leitor possa situar o acontecimento no momento vivido e ao mesmo tempo relacioná-lo ao passado.

A alusão, segundo Piègay-Gros (2010) nem sempre aparece de forma clara ao leitor, muitas vezes, ela assume a simples forma de uma retomada mais ou menos literal e implícita como no exemplo acima, fato que pode ocasionar o não entendimento do texto em questão, caso o leitor não tenha conhecimento do texto ao qual a alusão se refere e que não pode ser percebida senão pelos que detém maior conhecimento sobre o tema: “De uma maneira geral, a alusão será tanto mais eficaz quanto mais ela puser em jogo um texto conhecido, do qual a associação de uma ou duas palavras será o bastante para estabelecer uma conexão” (PIÈGAY-GROS, 2010, p.227).

Já na manchete da notícia abaixo,

[...] inclui-se no caso dos enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/negação, entre outros (*intertextualidade das diferenças* para Sant’Anna, 1985; *subversão* para Grésillon e Maingueneau, 1984) (Koch, Bentes e Cavalcante, 2008, p.30).

Neste tipo de relação intertextual é essencial que o leitor saiba da existência do intertexto para a construção de sentido.

5- O silêncio dos nada inocentes

13/05/2014 02h00

(coluna do Jornal folha de São Paulo. Autor: Vinicius Torres Freire)

Na manchete da notícia acima, o autor estabelece uma relação intertextual ao fazer uma alusão ao título do filme *Silêncio dos inocentes*.

A reformulação do enunciado na manchete da notícia faz uma ligação da calmaria dos mercados a trama que envolve uma agente do FBI e um psicopata para a descoberta de um serial killer, a manchete destaca que, numa inversão da polaridade afirmação/negação: *dos inocentes/dos nada inocentes*, através da introdução da palavra nada, o autor mostra que os mercados não são nada inocentes e o silêncio, assim como no filme, é suspeito. Ao posicionar-se em sentido contrário à orientação do intertexto o autor espera que o leitor seja capaz de perceber a crítica implícita na manchete.

Nesse caso, de intertextualidade implícita pela subversão, espera-se que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pois ele pode ativar o texto fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, o entendimento do texto estará prejudicado (Koch, Bentes e Cavalcante 2008, p. 30-31).



c. *O détournement*

Koch, Bentes e Cavalcante (2008) inserem em sua abordagem o *détournement*, elas destacam que o referido conceito foi utilizado por Maingueneau e Grésillon (1984).

As autoras apresentam em sua obra várias formas de *détournement*: de provérbios, de frases feitas, clichês, slogans, de hinos e canções populares, de fábulas tradicionais, etc.

É um recurso muito comum na publicidade, com relação às notícias ocorre mais frequentemente na Manchete ou no *Lead*, no exemplo abaixo, através da “transposição” o jornalista tem como objetivo fazer o interlocutor ativar o enunciado original, para então ironizá-lo, ridicularizá-lo.

As autoras estendem o conceito de *détournement* as diversas formas de intertextualidade nas quais ocorre algum tipo de alteração - ou adulteração- visando a produção de sentidos.

Vejamos a seguir:

6- E Barbosa só pensa naquilo

12/05/2014 02h00

(Jornal folha de São Paulo. Autor: Ricardo Melo)

Através da retextualização por meio da paródia, o autor fez uma transformação no conteúdo do dito popular *só pensa naquilo*, o acréscimo do enunciado *E Barbosa* ao dito popular *só pensa naquilo* (que nesse contexto significa só pensa no mensalão), desvia-se do seu sentido original, que significa pensar em um ato sexual. Ao ser inserido em um novo contexto o dito possibilita ao autor, através da subversão, a crítica sarcástica ao chefe do Supremo Tribunal Federal do Brasil, que diante de tantas barbaridades que acontecem no país só tem olhos para o mensalão.

Essa retextualização também criou um efeito cômico no locutor ao ativar o sentido original do *dito*, tendo em vista questões sexuais associadas ao texto fonte.

6. Apresentação dos resultados

Como podemos observar a intertextualidade ocorre frequentemente em textos noticiosos e os mecanismos mais utilizados para a ocorrência do fenômeno nas onze notícias analisadas foram a referência e a citação, talvez seja uma forma mais direta, mais fácil e menos complexa de buscar o intertexto na memória do leitor, e ao mesmo tempo tornar a

notícia atrativa aos olhos de quem irá ler, pois ambas são formas explícitas de intertextualidade.¹

Já o mecanismo da alusão aparece pouco nos textos noticiosos pesquisados, talvez seja em virtude da alusão não ser explícita e carecer de maior conhecimento e interpretação.

Os jornalistas não podem correr o risco de não serem compreendidos, ao utilizarem o mecanismo da alusão eles supõem que o leitor ao qual está direcionada a notícia irá compreender nas entrelinhas o que deseja dizer-lhes sem expressar isso diretamente. Observamos que a alusão foi utilizada apenas em notícias que tem como tema principal economia e política, o que se pressupõe que o público ao qual a notícia está direcionada será capaz de entender a relação intertextual que a alusão possibilita.

De outra forma, a alusão foi usada 01 vez numa notícia que o jornalista colocou *em jogo* um texto muito conhecido (a poesia de Drummond) estratégia que facilita a ligação ao texto fonte.

Quanto ao mecanismo da paródia foi usada apenas 01 vez, resume-se exclusivamente a manchete de uma das notícias de nosso *corpus*.

De maneira geral no Brasil não é muito comum a utilização da paródia em textos noticiosos, talvez o motivo seja pelo objetivo do texto noticioso que é informativo, fato que mantém uma relação quase inexistente com o objetivo da paródia que é o riso, nesse sentido a interligação entre notícia e paródia é pouco frequente.

Conclusões

Ao analisarmos as notícias percebemos que os autores de textos noticiosos usam com muita frequência a intertextualidade, de diversas formas e com intenções variadas, como: chamar a atenção do leitor, se contrapor a opiniões, ações etc. ou mesmo, para transformar o sentido de um determinado texto.

Assim, ao levarmos em consideração que as notícias fazem parte da mídia, que, por sua vez, faz parte de um mercado que necessita vender e ter muitos lucros, os temas e os recursos usados para compor uma notícia não são neutros e nem aleatórios, são pensados e selecionados, visando um público que irá consumi-la, num contexto onde o lucro é muito importante.

¹ Apresentamos aqui apenas um resumo dos resultados em virtude da apresentação no trabalho original ser muito extensa com exposições em quadros e percentuais da utilização dos mecanismos de intertextualidade encontrados nas notícias.

Nesse sentido, observamos nos exemplos citados no corpo do trabalho que a intertextualidade é usada de acordo com o público a que a notícia está direcionada, se o assunto tratado dirigir-se a um público mais escolarizado, ela será “mais complexa” no caso da alusão, e se ao contrário, ela será mais facilmente compreendida, no caso do uso dos mecanismos da citação e referência.

Assim, a intertextualidade torna-se um mecanismo criativo e facilitador de divulgação do texto noticioso, uma vez que, principalmente na manchete e no *lead* onde concentra-se o resumo da notícia a relação de um texto com outro texto é muito recorrente possibilitando chamar a atenção do leitor para o fato noticiado, o que constitui-se num elemento atrativo.

Por fim, o fenômeno da intertextualidade oferece aos estudos da linguagem diversas possibilidades, constitui um vasto material para análise e a nossa pesquisa centrou-se em apenas uma abordagem, dentre várias, evidenciando a necessidade de outras pesquisas e outros olhares.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Emsantina Galvão Gomes Pereira. Revisão de Tradução Marina Appenzeller. 2 ed. Formato digital. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOKO Haram assume sequestro de 276 meninas no interior da Nigéria. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,boko-haram-assume-sequestro-de-276-meninas-no-interior-da-nigeria,1162436>. Acesso em 05/05/2014.

BOKO Haram reivindica sequestro na Nigéria e ameaça vender meninas. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1449555-boko-haram-reivindica-sequestro-de-mais-de-200-meninas-na-nigeria.shtml>. Acesso em 05/05/2014.

BOKO Haram sequestra mais oito meninas na Nigéria dizem policiais. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,boko-haram-sequestra-mais-oito-meninas-na-nigeria-dizem-policiais,1162920>. Acesso em 06/05/2014.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução Fabiana Komesu. 3ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

E Barbosa só pensa naquilo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ricardomelo/2014/05/1452877-e-barbosa-so-pensa-naquilo.shtml>. Acesso em 12/05/2014.



ELEIÇÃO em tempos de cólera. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2014/05/1452592-eleicao-em-tempos-de-colera.shtml>. Acesso em: 13/05/2014 as 09h27.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GENETTE, G. P. *La littérature au second degré*. Paris: Ed. du Seuil, 1982. Extratos traduzidos do francês por Cibele Braga, Luciene Guimarães, Érika Viviane Costa Vieira, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda e Mirian Vieira. Edições Viva Voz, Belo Horizonte, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva ; Décio Rocha. . 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

MARTINS, M. S. C. Hibridismo e Plasticidade na Constituição dos Gêneros do Discurso. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. Scielo Brasil, vol.48 no.1 Campinas Jan./June 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132009000100003

O SILÊNCIO dos nada inocentes. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniustorres/2014/05/1453401-o-silencio-dos-nada-inocentes.shtml>. Acesso em 13/05/2014.

KOCH, I, V; BENTES, A, C; CAVALCANTE, M, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PIÈGAY-GROS, N. *Introduction à l'intertextualité*. Paris: Dunod, 1996. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe/. *INTERSECÇÕES Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais* ISSN: 1984-2406. Centro Universitário Padre Anchieta Jundiaí/SP Graduação em Letras. Ano 3, número 1, abril 2010.

VAN DIJK, T. A. Estruturas da Notícia na Imprensa. In: *Cognição, discurso e interação*. Apresentação e organização de Ingedore Villaça Koch. 7ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.